

Por mulheres vivas

A nossa luta começa por uma pergunta simples e urgente: de que adianta falar em liberdade quando tantas mulheres ainda lutam para permanecer vivas?

Vivas para sonhar sem medo. Vivas para amar sem violência. Vivas para trabalhar com dignidade. Vivas para criar seus filhos. Vivas para envelhecer com direitos. Vivas para ocupar os espaços de poder que historicamente lhes foram negados.

Porque a verdade é que não existe liberdade para as mulheres enquanto houver feminicídio. Não existe igualdade enquanto a fome tiver rosto de mulher. Não existe democracia plena enquanto mulheres negras seguirem recebendo menos, cuidando mais e morrendo antes.

Todos os dias, milhões de mulheres sustentam este país com o seu trabalho, com o seu cuidado, com a sua resistência. São elas que mantêm famílias de pé, que enfrentam jornadas exaustivas, que transformam a dor em força e a ausência de direitos em luta coletiva. E ainda assim são as primeiras a sentir o peso das desigualdades e as últimas a serem ouvidas.

Por isso, o nosso feminismo é popular, negro, antirracista e comprometido com a maioria do povo brasileiro. Um feminismo que entende que as opressões de raça, gênero e classe caminham juntas — e que só serão superadas quando forem enfrentadas juntas.

É o feminismo que organiza cozinhas solidárias quando a fome bate à porta. Que defende a escola pública como caminho de emancipação. Que luta por moradia, saúde, transporte e trabalho digno. Que combate o racismo estrutural. Que acredita que um país sem mulheres negras nos espaços de decisão é um país que ainda não conhece toda a sua potência.

Queremos mais mulheres na política. Mas queremos, sobretudo, mais política na vida das mulheres.

Não lutamos apenas para ocupar cadeiras. Lutamos para mudar prioridades. Para construir um país onde o cuidado seja responsabilidade coletiva e política pública. Onde mães não sejam abandonadas. Onde mulheres tenham independência econômica. Onde a violência seja combatida com seriedade.

Onde a periferia, o campo, as vilas e as comunidades sejam reconhecidos como territórios de vida, de inteligência e de potência.

Porque quando uma mulher negra da periferia avança, ela nunca avança sozinha. Ela carrega histórias, rompe barreiras e abre caminho para muitas outras passarem.

A pré-candidatura de Laura Sito à Câmara Federal nasce desse compromisso. É um chamado para quem acredita que o Brasil pode ser mais justo, mais humano e mais igual. Para quem se recusa a aceitar que sobreviver seja o máximo que podemos oferecer às mulheres do nosso país.

Queremos mulheres livres. Queremos mulheres respeitadas. Queremos mulheres com direitos. Queremos mulheres ocupando todos os espaços.

Queremos mulheres vivas.